

VALOR / Quinta-feira, 4 de janeiro de 2007 / D6

EU&Livros

Reprodução



No mural "O Homem na Encruzilhada", de Diego Rivera, Charles Darwin aparece como condenado à rejeição, uma figura relegada ao lado cinzento do pensar, para onde a grande maioria dos cientistas sociais se acostumou a empurrá-lo.

## A economia em evolução darwiniana

Por José Eli da Veiga, para o Valor  
04/01/2007.

**"Economics in the Shadows of Darwin and Marx - Essays on Institutional and Evolutionary Themes"** - De Geoffrey M. Hodgson. Edward Elgar, 265 págs., US\$ 100

---

Num daqueles imensos murais de Diego Rivera, intitulado "O Homem na Encruzilhada" (1934), a metade mais colorida destaca símbolos revolucionários, como Marx, Lenin e Trotski, em meio a mulheres atléticas e robusto proletariado. Já do lado cinzento, entre sinistros batalhões de soldados com máscaras contra gases, uma antiga estátua de um temido deus é ladeada pela conhecida imagem barbuda de Charles Darwin sentado em sua poltrona. Nada grave, se tamanha rejeição ao grande formulador da teoria da evolução tivesse ficado restrita a círculos progressistas que resistiam ao avanço ideológico daquela montanha de bobagens que foi chamada de "darwinismo social".

O problema é que, após uma fase de falsas analogias, o que se tornou dominante entre cientistas sociais foi a

completa recusa de que a teoria da evolução biológica pudesse ter qualquer serventia para o entendimento da história social. Casos como o do economista Thorstein Veblen, morto em 1929, só confirmam que toda regra tem exceções.

Apesar de o grande biólogo Ernest Mayr ter alertado, desde 1964, que a estrutura conceitual do darwinismo é um sistema filosófico, cerca de três décadas ainda foram necessárias para que se começasse a nela reconhecer uma teoria geral dos sistemas evolutivos. E o britânico Geoffrey M. Hodgson é um dos pesquisadores que mais têm contribuído para que as concepções de Darwin rompam as fronteiras das ciências naturais, passando a ser seriamente consideradas em análises de fenômenos socioeconômicos.

Algo que já estava claro em dois de seus principais livros da década de 1990: "Economics and Evolution - Bringing Life Back into Economics" (The University of Michigan Press) e "Economics & Utopia - Why the Learning Economy is not the End of History" (Routledge). Mas que agora fica mais do que confirmado por esta bela - e tão surpreendente - novidade da editora Edward Elgar.

Pelo menos três diferenças fundamentais parecem existir entre a evolução biológica darwiniana e a mudança cultural humana. A mais óbvia está na enorme capacidade que tem a cultura - e que falta à natureza - para a rapidez explosiva. Num incomensurável piscar de olhos geológico, a mudança cultural transformou a superfície do planeta como nenhum acontecimento da evolução natural poderia ter jamais conseguido nas escalas darwinianas de miríades de gerações.

Em segundo lugar, a evolução darwiniana é essencialmente uma história de proliferação contínua. Quando uma espécie se separa de sua linha ancestral, isso é irreversível. As espécies não se amalgamam ou se juntam com outras. Elas interagem em imensa variedade de ecossistemas, mas não podem se juntar fisicamente

em uma única unidade reprodutiva. Ou seja, a evolução natural é um processo de constante separação e distinção, enquanto a mudança cultural pode receber poderoso reforço do amálgama e da anastomose de diferentes tradições. O impacto explosivamente útil (ou destrutivo) de tradições compartilhadas fornece à mudança cultural humana algo inteiramente desconhecido no lento e imprevisível mundo da evolução darwiniana.

Em terceiro lugar, os organismos não calculam o que seria melhor para eles, nem desenvolvem tais características adaptativas durante suas vidas, e menos ainda transmitem eventuais aperfeiçoamentos para seus descendentes sob a forma de uma hereditariedade alterada. Essa havia sido uma das principais suposições do mais importante precursor de Darwin, o naturalista Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, mais conhecido como Cavaleiro de Lamarck (1744-1829), a quem os parisienses ergueram imensa estátua logo na entrada principal de seu magnífico Jardin des Plantes, declarando-o fundador da doutrina da evolução. Só que, nesse sentido, nada tem de lamarckiana a herança natural, como logo depois demonstrou o botânico austríaco Gregor Mendel (1822-1884). Um organismo pode lutar para melhorar durante toda a sua vida - a girafa esticando o pescoço para cima, no exemplo mais surrado - sem que esses vantajosos "caracteres adquiridos" possam ser transmitidos para os descendentes, porque eles não alteram o material genético que construirá a geração seguinte.

Ora, nas sociedades humanas, qualquer conhecimento adquirido em uma geração pode passar diretamente para a seguinte por "mero" aprendizado. E foi exatamente por isso que se adotou a fórmula didática de dizer que a mudança cultural é "lamarckiana", embora a idéia também surja em escritos de Darwin. A herança dá às inovações humanas um caráter direcional e cumulativo que é absolutamente estranho à atual teoria darwiniana da evolução. Como gostava de enfatizar o saudoso paleontólogo Stephen Jay Gould, a evolução natural não

abrange nenhum princípio de progresso previsível ou de movimento no sentido de uma maior complexidade. A mudança cultural, ao contrário, é potencialmente progressiva ou autocomplexificadora, porque uma herança de corte "lamarckiano" permite o acúmulo de inovações favoráveis mediante transmissão direta e amálgama de tradições. Isso permite que qualquer cultura escolha e junte as invenções mais úteis de diversas sociedades separadas.

Pois bem, a grande surpresa agora proposta por Hodgson é a contestação dessa fórmula largamente aceita de analogia entre mudança cultural e lamarckismo. Segundo ele, só se poderia qualificar alguma herança como lamarckiana se caracteres adquiridos ao nível fenotípico fossem codificados no genótipo que passa para a geração seguinte. Por isso, estaria errada a alusão à doutrina de Lamarck para o que chama de "evolução socioeconômica", mesmo que alguns genótipos sociais - como hábitos e rotinas - possam se adaptar em um fenótipo qualquer, como uma organização, por exemplo. Em contraste, nenhum problema desse tipo existiria, segundo Hodgson, para uma descrição propriamente darwiniana da "evolução socioeconômica".

Claro, com elogiáveis exceções, os economistas brasileiros mantêm tanta distância dessa temática que só poderão reagir dizendo que o novo livro de Hodgson será "areia demais" para seus modestos utilitários. Todavia, é preciso que os jovens estudantes de economia comecem a alterar esse quadro. Afinal, esse é apenas um dos temas polêmicos retirados por Hodgson das sombras de Darwin e de Marx que já fazem parte da fronteira do conhecimento científico.